

Pinheiro Viegas e a “Academia dos Rebeldes”

1.0 — PERÍODO E GERAÇÕES

Este trabalho tem como objetivo prestar uma contribuição ao estudo da vida intelectual baiana, no período de 1900 a 1930. Não se trata de uma análise puramente literária. Diz respeito, sobretudo, a uma temática de Sociologia do Conhecimento, na medida em que mostrará como se fazia o relacionamento entre os intelectuais e as condições sociais, econômicas e políticas da Bahia, verificando, sobretudo, a influência desta nas idéias e na literatura de modo geral.

Tratar-se-á, aqui, de um intelectual que teve sua vigência na Bahia, principalmente, a partir da década de 20 do presente século, desde quando até esta época residia no Rio de Janeiro, fazendo parte de um grupo literário dos novos, encabeçada pelo “jovem poeta” Agripino Grieco.

Esta sua fase de atuação no Rio não será objeto de estudo, desde quando a preocupação fundamental é mostrar Pinheiro Viegas como o homem maduro, liderando um grupo de jovens iniciante nas letras

na Bahia, constituindo com êles uma agremiação literária por êle chamada de "Academia dos Rebeldes".

Entretanto, torna-se imprescindível também mostrar, embora numa ligeira abordagem, quem era Pinheiro Viegas, ou seja, como participava êle da vida literária baiana da época, a fim de que se possa melhor entender a sua influência numa confraria de jovens, cuja atuação dizia muito daquele velho que os liderava.

Não se pode chamá-lo de epônimo. A característica principal de sua personalidade foi a maneira *sui generis* que escolheu para ser vigência, utilizando a técnica satânica de atacar a todos os medalhões da época, através de epigramas, que foi o seu gênero principal. Nesse sentido diz Agripino Grieco a respeito de Pinheiro Viegas: "Espírito que não vai sem um pouco de bilis, gosta de destruir lendas e de desencantar o próximo, sendo um contraditor sistemático, sem nenhuma paixão em jogo e apenas pela volúpia de desagradar" (1).

Convém ressaltar que a Academia dos Rebeldes foi uma das ramificações do movimento modernista no Brasil, que, segundo Afrânio Coutinho, "continuou através de numerosos grupos em que se subdividiu, nas duas cidades onde se iniciou, e, de logo, por toda parte do território nacional. As gerações novas enfileiravam-se no movimento em tôdas as regiões do país, naturalmente cada qual obedecendo a imperativos e variantes locais, ao lado de caracteres gerais.

"Na Bahia, Godofredo Filho, em 1926, de volta ao Rio, apresenta em página de jornal, os novos figurinos poéticos, e imediatamente polarizados pela personalidade exuberante do crítico C. Chiachio, reúnem-se-lhe outros moços como Antônio Gomes Carvalho Filho, Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Ramaiana de Chevalier, Pereira Reis Junior, Queiroz Júnior, criando a revista *Arco e Flecha*, na linha do "tradicionalismo dinâmico" de *Festa*. Outro grupo era integrado por Jorge Amado, Sosígenes Costa, Pinheiro Viegas, Edison Carneiro, Alves Ribeiro, Clovis Amorim e seguia linha independente" (2).

Não se trata aqui de uma análise detalhada do Modernismo nem das transformações por êle trazidas no campo da cultura no Brasil. Convém ressaltar, porém, que o seu surgimento e implantação não constituiu um fenômeno à parte da sociedade, desde quando a vida política, social e econômica do Brasil também era agitada por grandes transformações como: as greves operárias em S. Paulo em 1917, 18, 19 e 20; a fundação do partido comunista em 1922; a fermentação política desfechada no levante de 1922 e mais tarde na revolução de 1924.

Também a respeito disso assinala Afrânio Coutinho: "1922 foi mais que uma simples data, porquanto denota que a situação revolucionária chegara ao auge do amadurecimento e não foi por certo casual a coincidência das revoluções estética e política, iniciada também com o levante no Forte de Copacabana, no mesmo ano, o que mostra que a consciência do país atingia um estado agudo de revolta

contra a velha ordem em seus diversos setores. Não se trata de procurar procedência de um fator sôbre os outros, o intelectual, o artístico, o político, o econômico. Mas de reconhecer que a estrutura da civilização brasileira era o todo do organismo nacional, que mobilizava as forças para quebrar as amarras da sujeição ao colonialismo mental, político, econômico, entrando firme na era da maturidade e posse de si mesmo" (3).

Por outro lado, a sua expansão coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma nova fase de inquietação social e ideológica. No Brasil, ocorreu a revolução de 30, também chamada de Revolução de Outubro, que no dizer de Antônio Cândido "encerra a fermentação anti-oligárquica já referida, a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada" (4).

Dêsse modo, esta é a fase em que a literatura retrata a realidade brasileira de maneira mais direta, sendo todos os problemas encarados de frente: êxodo rural, problemas políticos, decadência da aristocracia rural, formação do proletariado, cangaço, etc.

Quanto ao ambiente literário da Bahia, nesta época, quem nos fala dêle é um integrante da Academia dos Rebeldes, já imbuído de uma nova mentalidade e de olhos abertos para "ver" os erros da geração passada: Jorge Amado. Podemos dizer dêle que é um representante da geração modernista, que no dizer de A. Coutinho "se rebela contra tôda sorte de "passadismo", em nome dos interesses do presente e das aspirações do futuro... É uma geração crítica, anarquista uma geração de combate, cujas armas foram a piada, o ridículo, o escândalo, a agitação, o cabotinismo..." (5).

Integrante, pois, desta nova geração, diz Jorge Amado.: "A atmosfera literária da cidade e do Estado caracterizava-se então por um raçoso conservadorismo. Professôres de Medicina preocupavam-se mais com a colocação dos pronomes e a criação de neologismos do que com o desenvolvimento das C. Médicas. Uma retórica vazia abafava os instintos criadores e anulava a nobre tradição baiana de uma literatura voltada para os grandes problemas e as causas populares. Naquele rumoroso discurso de palavras sonoras e difíceis, a ficção de Xavier Marques, a poesia de Arthur de Salles, os sádios panfletos de Pinheiro Viegas eram as exceções a manter a continuidade das letras baianas" (6).

Por outro lado, a literatura se fazia principalmente nos bares e castelos, sendo considerados boêmios êstes literatos que faziam a sua hora nestes locais, escolhidos por êles para trocar idéias, dizer e ouvir frases de espírito. Ao lado dos boêmios, coloca C. Chiachio os intelectuais circunspetos, que não freqüentam as rodas dos cafés, preferindo outros pontos de reunião, como portas de livrarias, etc.

Êstes grupos literários, distribuídos em "salões mais ou menos

ao ar livre, que iam da Sé à Praça Castro Alves, foram descritos por C. Chiachio, de acôrdo com suas preferências, em:

"Rua Chile: Carlos Chiachio, o crítico, Roberto Correia, o epigramista, Arthur de Sales, o parnasiano, Francelino de Andrade, o filólogo, Deraldo Dias, o humorista, Cosme de Farias, o retórico, Bernardino de Souza, o geógrafo.

"Praça Castro Alves: Germano de Oliveira, o novelista, Lydio Santos, o lírico, E. Tudella, o jornalista, Augusto Silva, o fantasmagórico, Costa Aguiar, o fabulista.

"Na Baixinha: Alves Ribeiro, o poeta futurista, Bráulio de Abreu, o lírico de hora parada, Clodoaldo Milton, o esteta do fim para o principio, Guido Zuleiko, o caricaturista de Rosinha, Gomes da Costa, diretor de "Samba", Florêncio Santos, o fauno letrado, Epaminondas Pinto, o pedagogo modernista" (7).

Ainda falando acêrca do meio ambiente onde se processava a vida literária, Chiachio descreve em artigos de jornal a Rua Chile e a Sé, com os seus respectivos salões. A respeito da Sé êle diz: "A Sé é a região esquisita e tumultuosa, nos seus ares e nos seus tipos. Nos ares, um pesadume de sombras pairantes. Oleografias de cidades orientais. Quem sabe, se por isto mesmo, a habitação preferida das raças boêmias, sobretudo dos árabes. . ." (8).

João Amaro Pinheiro Viegas nasceu em Salvador em 1866 e faleceu em 1937.

Dêle pode se dizer que acompanhou três gerações de intelectuais. A primeira foi da boêmia dos fins do século passado, cuja atuação social se objetivou no campo da política através das campanhas abolicionista e republicana, datando daí inclusive a publicação de suas primeiras obras, dentre elas a *Carta ao Marechal Deodoro*. Foi também um poeta simbolista, integrando-se, portanto, num dos gêneros poéticos principais do período.

Acompanhou a geração seguinte, atuando no Rio de Janeiro, onde se tornou conhecido, principalmente, pela oposição a Prudente de Moraes, aparecendo como co-autor do panfleto em versos "*O Biri-ba*, em que é alvejado êste primeiro presidente civil do Brasil".

Não se tratará aqui, como já foi visto anteriormente, de incluí-lo nestas primeiras gerações do presente século. Isto porque, através de estudos e pesquisas verificou-se que Pinheiro Viegas tornou-se conhecido, principalmente, a partir da década de 20, quando fundou, na Bahia, a Academia dos Rebeldes. Portanto, a sua vigência não se liga prôpriamente às obras que escreveu, nem em verso, nem em prosa, mas sim a seu vínculo a uma nova geração que surgia nesse momento, representando uma nova corrente literária: o modernismo. Ao lado disso, foi neste período que mais se desenvolveu sua produção de epigramas na Bahia, técnica esta também utilizada por outros

membros do grupo, o que prova a sua influência entre os jovens iniciantes nas letras.

Dessa maneira, pode-se dizer que, embora nesta fase já se notassem sinais de sua *decadência física*, pois logo depois, em 1937, viria a morrer, a sua geração intelectual, já que com ela mais se identificou, foi a geração de rebeldes formada principalmente pelos seguintes intelectuais: Jorge Amado, Sosígenes Costa, Alves Ribeiro, Clóvis Amorim, Edison Carneiro, etc. . . , que na sua maioria tiveram vigência depois de 1930.

No âmbito geral da vida literária da época não se pode dizer que Pinheiro Viegas fôsse um epônimo, como já foi dito. Não criou nada de novo, nem como poeta, nem como crítico, conforme testemunhos da época. Porém, se levarmos em conta que o epônimo também pode ser considerado aquele que dá nome a uma nova época, não teríamos dúvida em considerar Pinheiro Viegas um deles, já que foi o líder de uma geração representante de uma nova corrente literária na Bahia, o modernismo.

Além disso, do período foi um dos únicos, ou o único, a se utilizar do epigrama como meio de ataque, o que vem explicar talvez a sua não inclusão, em muitos casos, entre os intelectuais da época e até mesmo a sua marginalização, uma vez que entre os que atacava se encontrava aquele de maior prestígio na Bahia: Carlos Chiachio.

2.0 — TIPOLOGIA INTELECTUAL

Os ramos do saber de que tratam as obras de Pinheiro Viegas dizem respeito, sobretudo, à literatura e à política.

Na literatura, foi autor de vários versos na sua maioria nunca publicados em livro, encontrando-se dispersos em jornais e revistas da época.

Na política foi autor de vários panfletos políticos, considerando-se êle próprio um "panfletário" (9).

Deve-se ressaltar, porém, que o seu gênero principal foi o epigrama, de grande moda na época. A definição de Herman Lima diz bem o que seja este gênero de sátira, de muita voga na Bahia: "Epigramas são verdadeiros comprimidos de ácidos conteúdos, visando os ridículos de figurões contemporâneos, em versos que exigem qualidades específicas de síntese e de malícia temperada com ironia" (10).

De Pinheiro Viegas, que êle considera um dos maiores representantes do gênero, na Bahia, diz Herman Lima: "Epigramista . . . príncipe da ironia desterrado dos bons tempos de Florença, como um Cellini, lavorando a frase, com o entranhado amor com que o criador de Perseu abria na prata os seus primores de perene beleza" (11).

Ainda nesse sentido, vários outros contemporâneos e biógrafos o classificaram, haja visto que Jorge Amado o considerava "temível

epigramista” e Raimundo Magalhães Júnior que além de epigramista o viu como “destabocado e céptico” (12).

Continuando a discutir o seu tipo intelectual, não se poderiam omitir as palavras do biógrafo A. Passos quando diz que Viegas foi, sobretudo, um “poeta satírico e por isso mesmo odiado por bons e maus” (13).

Deve-se acrescentar, porém, que foi Jorge Amado, componente da “Academia dos Rebeldes”, quem melhor sintetizou o tipo intelectual de Viegas, dizendo ter sido êle um “poeta simbolista, um panfleatório e um jornalista do Imparcial” (14).

Além do epigrama, Viegas utilizava também nas suas sátiras o trocadilho, um dos modismos da época.

Por outro lado, se se utilizar aqui o critério ecológico para classificar os intelectuais, de que fala o professor A.L. Machado Neto (15), não se teria dúvidas em colocar Viegas como o típico intelectual de província. Isto porque, embora tenha vivido grande parte da sua vida no Rio de Janeiro e outros Estados do Brasil, não conseguiu lograr uma posição entre os intelectuais de vigência da côrte. Sua área de atuação foi mesmo a Bahia, uma vez que aqui exerceu profissões como jornalismo literário e aqui recebeu as influências necessárias aos gêneros literários a que se dedicou, sendo, de alguma maneira, até vigência. Seu estilo e modo de vida eram, sobretudo, provincianos.

Ainda utilizando o esquema de Machado Neto que, quanto ao comportamento social, classifica os intelectuais em boêmios e “os bem comportados, bons pais de família e incansáveis trabalhadores” (16), daríamos para Pinheiro Viegas um lugar junto aos primeiros. Durante o período que no Rio conviveu com a roda de intelectuais, frequentava os grupos da boêmia, sendo mais conhecido como tal, e, na Bahia, entre os muitos que o analisaram e muitos dos testemunhos pessoais vamos encontrar sempre a afirmação: era um grande boêmio. Por outro lado, a sua identificação com a boêmia foi tamanha que, numa homenagem sua a êstes, fêz um poema intitulado *Os Boêmios*.

Já que aqui se tratará mais demoradamente de um grupo — “Academia dos Rebeldes” — seria imperdoável não fazer referência aos seus componentes, companheiros de Viegas, para dizer que todos êles faziam também a boêmia literária.

Quanto a Pinheiro Viegas, ainda no referente à sua tipologia, não se poderia deixar de dizer que, em relação à sociedade e à época que viveu, êle foi um típico rebelde. Não uma simples rebeldia natural a todos os jovens, numa certa faixa de idade. A sua rebeldia o acompanhou sempre, até os últimos dias de vida, o que fêz Lafaiete Spínola chamá-lo de “um negativista, agnóstico, um homem do contra” (17). Ainda a respeito desta característica de sua personalidade, será válido colocar aqui as palavras de um seu companheiro de juventude, Agripino Grieco, que diz: “Rebelde à canga e ao açaimo, multiplica-se em

invenções burlescas, em mistificações e facécias de demônio da farsa medieval e é-lhe grato o papel de desmancha-prazeres" (18).

Convém ressaltar, que o próprio Viegas assim se considerava, haja vista que ao procurar um nome para o grupo que queria formar escolheu o de "Academia dos Rebeldes", considerando-se êle próprio um deles, juntamente com todos os outros que do grupo fizeram parte.

Além de rebelde, segundo alguns companheiros do seu convívio, êle gostava também de caracterizar-se como homossexual. Talvez isto fôsse um modismo da época. O fato é que Viegas sempre quis parecer um deles, embora muitos afirmem que isto era uma mania, uma maneira de afrontar a moral vigente.

Como intelectual, Viegas foi também um político atuante, estando sua vida marcada por várias campanhas políticas: campanha republicana, campanha civilista e, finalmente, a campanha da Aliança Liberal, através do *O Jornal*, órgão oficial dessa campanha na Bahia. Ainda a respeito desta faceta de sua personalidade diz Elpidio Bastos: "Como jornalista, Viegas escreveu dezenas de artigos políticos no "O Imparcial", como também em "O Globo" e em "A Noite", jornal êste que funcionava na Baixa dos Sapateiros" (19).

Convém ressaltar que Viegas jamais se integrou como jornalista de órgãos defensores do govêrno. Sempre se destacou como grande opositorista, haja visto sua colaboração constante em jornais da oposição como *O Imparcial* (fôlha de combate ao govêrno Goes Calmon), e depois em *O Combate*. A respeito disto assinala Octavio Malta: "O Combate fôra uma aventura de poucos meses. Jerônimo já o havia conduzido para a luta anticlerical, o que na Bahia de Todos os Santos significava um investimento agudamente perigoso. Enquanto eu dirigia o ataque contra os grupos governamentais do Estado e do Centro (inclusive contra Geraldo Rocha, cujos jagunços tinham ainda, naqueles dias, o cheiro de pólvora da perseguição à Coluna Prestes, a invicta) Sodré (Jesovi), que nascera como jornalista em "A Tarde", escrevia sátiras em versos contra os cónegos da Sé, contra o Cabido, ou seja, exatamente o govêrno eclesiástico da Bahia. Pinheiro Viegas fôra juntar se a nós, ocupando, até mesmo, na maior pobreza, o quarto do arquivo de jornais, onde passou a dormir..." (20).

Confirmando o que foi dito acima pode-se citar ainda José Alves Ribeiro, quando diz: "Já disse Osvaldo de Andrade que, há alguns anos passados, o contrário de burguês, aqui, não era proletário, era o boêmio. Viegas era bem êsse tipo de lutador. A nenhum dos grandes movimentos políticos e sociais de sua época êle ficou alheio, nem se colocou, jamais, a serviço dos poderosos do dia. Tôda a sua existência foi uma luta constante pela justiça e pela liberdade... Homem de "avant-guerre", convencido de que o grande escritor não tem escola, como o grande político não tem partido, foi, em tudo, um

franco atirador. Mas nunca, um cético, ou um negativista. E se é certo de que não chegou até à ação social, não deixou, contudo, de protestar, a seu modo, contra os vícios e contra os êrros de seu tempo" (21).

Para finalizar, achamos por bem fazer referência ao tipo humano de Viegas, descrito por Elpídio Bastos, uma vez que todo êle faz a síntese perfeita do que foi o homem aqui tratado. Ao nosso ver, nunca se viu tanta coincidência entre o modo de vestir e o modo de pensar. Até no vestir queria demonstrar que era diferente e a sua vestimenta preta talvez fôsse um protesto contra a sociedade, as condições sócio-políticas da Bahia e do Brasil, que êle considerava podre e necessitada de reforma total. Seria Viegas um precursor do movimento *hippie*? "Viegas trajava sempre um terno de casemira prêto, chapêu e calçados da mesma côr, e costumava trazer consigo uma bengala, também preta, com castão de prata. Vivia constantemente assediado. Fumava, mas não bebia ou, se o fazia, era com a máxima discreção, em raras oportunidades: Sua bebida predileta era o café, que êle consumia dezenas de chúcaras, durante o tempo que permanecia com os companheiros, isto é, das 19 hs. até depois das 24 hs, diàriamente.

"Era um homem de talento versátil: jornalista, poeta, cronista, polemista e satírico" (22).

Enfim, Viegas era aquilo mesmo que êle se considerava: "*Um velho de alma verde*", conforme depoimento do poeta Elpídio Bastos.

3.0 — ECOLOGIA INTELECTUAL

Embora baiano de nascimento, Viegas não viveu todo o seu tempo na Bahia. Aqui fêz os cursos primário e secundário, não chegando a ingressar na Faculdade.

Teve uma vida bastante movimentada. "Viegas viveu um pouco por tôda parte, correndo o Brasil, de norte a sul, fazendo profissão de jornalismo e das letras. Exerceu várias Comissões no Serviço Público em Salvador, no Distrito Federal, no Pará e em outros estados da Federação. No Rio, foi elemento integrante da última geração boêmia de Lima Barreto, Antônio Tôrres, Coelho Cavalcante e outros. Os últimos anos de sua vida passou-os na Bahia, tendo fundado, em 1930, a "Academia dos Rebeldes" (23).

Convém ressaltar, porém, que a ida de Viegas para o Rio e outros Estados do Brasil não teve por finalidade estudar nem tampouco o moveu qualquer outro objetivo cultural. Foi como empregado e a sua inclusão em grupos literários se deu, principalmente, por ser êle jornalista e já ter participado aqui, no fim do século, de alguns grupos literários. No Rio de Janeiro, a sua convivência com pessoas de prestígio, como Agripino Grieco, lhe foi favorável, uma vez que possibilitou a inclusão de seu nome entre intelectuais de cunho nacional, não ficando o seu nome esquecido nem restrito somente à Bahia, como

ocorreu com a maioria dos intelectuais da Província, que não conseguiram lograr um prestígio nacional, nem possuir vigência fora das fronteiras do seu Estado.

As opiniões acêrca das causas de sua volta à Bahia, em fins da década de 20, divergem bastante. Alguns de seus biógrafos afirmam que êle veio já aposentado. Outros, porém, que êle voltou desempregado, tendo perdido êste emprêgo devido ao seu temperamento "andejo, inquieto e desabusado" (24). O certo é que aqui chegando juntou-se a um grupo de jovens, formando agremiações literárias. Exerceu também a profissão de jornalista, fêz polêmicas, publicou panfletos e produziu inúmeros epigramas.

Como boêmio, Viegas era um freqüentador assíduo dos cafés, situados na Baixinha dos Sapateiros (Café Progresso), na Praça da Sé (Café Madrid, Café Brunswick, Café Bahia e Perez).

Como jornalista, vivia praticamente no *O Imparcial*. Daí fazia seu ponto de reunião, durante o dia e, às vèzes, chegava até a dormir, enrolado em jornais velhos. Em 1929 passou a ser visto no *O Jornal*, onde, juntamente com os outros companheiros da Academia dos Rebeldes, fazia a campanha da Aliança Liberal na Bahia.

Como típico intelectual da época, também era visto em livrarias. Segundo Agripino Grieco, no Rio, êle vivia na Livraria Schettino, "rebuscando livros encadernados que preferia ao cetim da pele feminina" (25). Na Bahia, freqüentava também algumas livrarias, as quais não pude identificar.

Como já foi dito anteriormente, sua atividade intelectual se dividiu entre o Rio e a Bahia. No Rio, não foi possível identificar as obras publicadas. Acredita-se, porém, que na sua maioria foram publicadas em Salvador. Aqui colaborou também em algumas revistas como *A Bahia Nova*, de propriedade de Karlos Weber, grande mecenas da época; revista *Samba*, pertencente à Academia dos Rebeldes e patrocinada pelo espanhol Severino Martinez; revistas *Letras e Hoje* (1929) já de cunho modernista, de que era diretor.

Foi colaborador também de vários jornalecos, muitos dêles pertencentes ao grupo da Baixinha. Entre êstes, pode-se citar: *O Periquito* e *O Gavião* (humorísticos e satíricos) e ainda a *Época*, de José Maria Vidal, e *O Século*.

4.0 — PROFISSAO E VOCAÇÃO

A vida literária de Pinheiro Viegas vem confirmar a hipótese de A.L. Machado Neto, quando diz: "Não se viveu da literatura (ou outra atividade cultural assemelhada) salvo exceção em algum período da vida e assim mesmo acumulando com o jornalismo" (26). Isto porque o autor em estudo sempre acumulou várias profissões ao mesmo tempo. Exerceu cargo de comissão no serviço público, de onde tira-

va a renda para sobreviver, fazendo, ao mesmo tempo, jornalismo e boêmia literária.

A afirmação de Alves Ribeiro, ao dizer que Viegas era um "proletário intelectual", diz bem da classe social e do padrão de vida do mesmo.

Enquanto tinha êste emprêgo no serviço público acumulava-o com a profissão das letras. Perdendo-o, voltou à Bahia, onde passou a viver somente do jornalismo e para a boêmia. A suposição de que êste fato tenha ocorrido veio da dúvida de todos os entrevistadores acêrca de como e de que vivia Viegas. Ninguém o soube ao certo. Nem sequer onde morava. "Jamais se lhe apercebeu do que vivia e como se mantinha. Não era aposentado de nenhuma função pública. Sabia-se que ocupara um cargo federal, como fiscal do consumo, no Estado do Rio, cargo êste que teria abandonado antes de regressar à Bahia" (27).

Dêsse modo, passou-se a supor que Viegas vivia dos poucos rostões que recebia dos jornais, vivendo praticamente nestes. Chegava, às vêzes, até a dormir no chão, em cima dos jornais velhos.

Ligados a esta sua fase da vida surgiram 2 epigramas, feitos por êle, que se tornaram célebres por encarnar uma realidade vivida por quase todos os jornalistas da época, que era o não pagamento, na maioria das vêzes, dos ordenados ou do prometido por um artigo qualquer.

Dêsse modo, Pinheiro Viegas, além de ser mal pago, recebera pagamento em parcelas, o que o levou a fazer êstes epigramas contra os donos do jornal em que trabalhava, *O Imparcial*.

Depois de Mário o primeiro
Outro Mário não faz mal
São quatro mãos no dinheiro
E quatro pés no jornal

E ainda:

Dentre as fôlhas amarelas
A melhor é o imparcial
Mas, como paga em parcelas,
Só pode ser parcial.

Consta, ainda, que Viegas morreu pobre e cego, num pensionato ou hospital de Salvador: "Mas o certo é que Viegas, submetendo-se ao doloroso conceito de Sto. Agostinho, também acabou humilhado pela vida, acabou doente e pobre num hospital da cidade de Salvador" (28).

Existem várias hipóteses acêrca desta miséria que acompanhou Viegas até o fim de sua vida. A grande maioria, porém, atribui isto ao fato de Viegas ter sido, durante tôda a sua vida, um opositor, um

perseguidor de grandes figurões. E se na sociedade política brasileira do momento a oposição de modo geral não tinha oportunidade em nenhum sentido, este fator há de se estender também àqueles que, através do jornalismo ou qualquer atividade do gênero, faziam parte dessa ala de opositores.

Nesse sentido, diz Agripino Grieco: "Seu mal supremo — quantas vezes o sublinhei — era incidir demais no pecado de ter espírito, de não ir pelo mesmo trilho ao mesmo pasto dos ovinos de dois pés. Ainda lhe vejo daqui, a fronte ampla, morada de nobres pensamentos e os lábios em fundas comissuras de que saíam as flechas do sarcasmo" (29).

Não só Viegas era um "proletário intelectual". Todos os outros dos grupos a que pertenceu, também o eram. Tanto os do grupo da Baixinha como os da Academia dos Rebeldes. Eram ou estudantes, que para sobreviver faziam jornalismo e para ocupar o tempo faziam boêmia literária, ou funcionários públicos que nas horas vagas dedicavam-se às letras.

Pinheiro Viegas não possuía formação universitária. Fêz somente o curso secundário, no Ginásio da Bahia, indo depois para o Rio e outros Estados da Federação, ocupando cargo de comissão no serviço público.

5.0 — COMUNICAÇÃO E PÚBLICO

João Amaro Pinheiro Viegas, como todo intelectual que se rebelava contra a ordem vigente, principalmente política, sofreu várias perseguições na sua vida literária. Estando sempre em posição contrária ao governo, fazendo jornalismo da oposição, foi alvo de perseguições políticas, notadamente, em duas etapas de sua vida.

A primeira delas foi descrita por Raimundo Magalhães Júnior, quando diz: "Começou a ter evidência por ocasião do governo Prudente de Moraes, como co-autor do panfleto em versos "O Biriba", em que era alvejado o primeiro presidente civil da República" (30).

A segunda ocorreu por volta de 1910, quando participou da Campanha civilista de Rui Barbosa. Vencendo o Marechal Hermes da Fonseca, passou a sofrer perseguições por parte dos vencedores das eleições.

A sua atitude de rebeldia, as críticas endereçadas às pessoas de prestígio, às oligarquias dominantes na política nacional, aos grandes do cenário cultural, levou-o a ser marginalizado, situação esta que se prolongou até depois de sua morte. A respeito disso diz Alves Ribeiro:

"Temido em vida, pelos literatelhos medíocres da Cidade de Salvador, estes passaram a boicotear-lhe o nome, depois de morto, quando não se referem à sua memória apenas como à de um boêmio impenitente e de um destruidor sistemático. . . A sátira foi a sua arma

de combate. Não foram poucos os inimigos que êle criou com os seus epigramas. Por isto, até depois de morto ainda há quem pretenda diminuir-lo... A conspiração dos mediocres é, porém, impotente para anular aquêles que se fizeram contemporâneos da posteridade" (31).

Entretanto, muito mais temido se tornou quando passou a liderar um grupo de jovens imbuídos do mesmo ideal e das mesmas idéias. Enquanto sozinho defendia seu ponto de vista, foi muito fácil torná-lo desacreditado pelo processo de marginalização e descaso público às suas provocações. Quando, porém, juntou-se com outros para falar contra o verde-amarelismo e os objetivos nacionalistas existentes na vida brasileira do momento, torna-se claro que a censura sobre as obras e atividades do grupo não tardaram a aparecer, sob a forma de prisão e contrôle das criações literárias.

Não foram encontradas nas fontes referências acêrca do público que Viegas desejava alcançar e nem mesmo se desejava ou não alcançar êste público. Torna-se fácil, porém, deduzir que êste desejo existia, já que seus ataques eram dirigidos diretamente às pessoas, sendo do seu interêsse que estas pessoas os conhecessem. Daí utilizar-se principalmente dos jornais, veículo de comunicação que mais atingia as massas na época.

Convém ressaltar, porém, que era como homem de oposição que desejava ser conhecido. Como poeta nunca se preocupou em publicar suas poesias, estando estas espalhadas em jornais e revistas.

8.0 — ESTRUTURA SOCIAL DA REPÚBLICA DAS LETRAS

Levando-se em conta que a existência de grupos intelectuais foi uma constante em tôda vida intelectual brasileira, durante todo o período analisado, a esta regra não poderia fugir a Bahia, que também foi palco de inúmeras igrejinhas.

Em relação a Pinheiro Viegas, podem-se contar exatamente quatro grupos a que êle pertenceu. Em relação aos três primeiros, não foi possível identificar as igrejinhas contrárias e nem mesmo saber se realmente elas existiram. Ocupar-se-á êste trabalho, principalmente, da última, já que é considerada uma das mais importantes de sua vida intelectual.

A primeira delas, pertenceu antes de ir para o Rio de Janeiro, mais ou menos no fim do século passado, e era formada por Caio Pedreira, Rafael Barbosa, Castelar Sampaio e Pinheiro Viegas.

A segunda diz respeito a um grupo do Rio de Janeiro a que êle se incorporou ao chegar lá. Parece que surgiu mais ou menos em 1911 e era formada, principalmente, por intelectuais novos ou aquêles que não lograram entrar para a Academia Brasileira de Letras. Tinham como finalidade criar uma Academia de Novos que seria uma réplica à Academia Brasileira de Letras, segundo Brito Broca.

“Em agosto de 1911, o jornal *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, lança a iniciativa dessa “Goncourt” brasileira. Seria a Academia dos Novos, composta de dez membros efetivos e vinte correspondentes, um de cada Estado. *A Imprensa* se dispunha de início a subvencionar o salão para o funcionamento da Academia, aceitar a colaboração remunerada dos acadêmicos e editar-lhes os livros mediante certas condições. Os membros seriam eleitos por um plebiscito entre os intelectuais convocados pelo jornal” (32).

Convém ressaltar que esta academia nunca chegou a se formar. Ao grupo pertenciam principalmente intelectuais boêmios, o que justifica a não inclusão deles na igreja oficial, contrária a este tipo de vida boêmia.

Ao grupo pertenciam, entre outros: Coelho Cavalcante, Saul de Navarro, Agripino Grieco, Pinheiro Viegas, Alfredo Brito, B. Lopes, Múcio Teixeira, Olegário Mariano, Rocha Pombo, Raul Pederneiras, Emilio de Menezes, José do Patrocínio Filho, Lima Barreto e Goulart de Andrade, etc.

De volta à Bahia, em fins de 1924, passou a frequentar alguns cafés, situados na antiga rua do Colégio, tais como o “Perez”, “Madrid”, “Derby”, posteriormente “Café Bahia”. Depois, passou a frequentar o “Café Progresso” na Baixinha dos Sapateiros, entrando em contato com uma agremiação literária já existente, e que funcionava neste café.

Em referência à importância que tiveram estes cafés, na Bahia, em princípios e meados deste século, convém citar Moniz Bandeira, que, em artigo intitulado *Café Pequeno*, diz: “Na Bahia, nos princípios e meados deste século, os cafés tiveram grande importância no florescimento de muitas obras literárias. Inúmeros centros e agremiações literárias fizeram das bancas de cafés a sua sede, concentrando escritores, poetas, jornalistas e críticos que liam reciprocamente os seus últimos trabalhos” (33).

Foi, portanto, num desses cafés que surgiu o famoso grupo da Baixinha. A respeito deste grupo assinala Elpídio Bastos:

“Floresceu na Baixinha dos Sapateiros, uma plêiade de intelectuais, robustecidos de juventude e de sonhos, que se reuniam todas as noites no “Café Progresso” e que representaram os últimos abencerragens da literatura indígena. À frente deste grupo pontificava a figura rebelde de Pinheiro Viegas e a inteligência fascinante de Samuel de Brito Filho — O Guarda 85. Ainda por sugestão deste último aventouse na fundação de uma academia denominada “Eclética”, ali mesmo, onde diuturnamente, se reuniam para as tertúlias literárias, não obstante a sordice do meio ambiente, intoxicado pela presença dos outros frequentadores do “Café” (34).

Continua ainda Elpídio Bastos:

"De quando em quando, todos nós mudávamos de ambiente, indo esbarrar no "Perez", "Madrid", "Café Bahia", quando não era na escadaria da Catedral Basílica, onde muitas vezes amanhecemos ouvindo-lhe (a P. Viegas) as blagues, falando sobre literatura, ou recitando versos . . .

"Faziam parte desse convívio uma plêiade de moços sonhadores e boêmios, no bom sentido, que sofriam a influência da sua cultura e do seu poetar. Entre eles citamos J. Alves Ribeiro, Zaluar, de Carvalho, Bráulio de Abreu, Otto Bittencourt Sobrinho, Egberto de Campos Ribeiro, Anfilóbio Brito, Da Silva Garcia, Samuel de Brito Filho, Antônio Brandão Donati, Wasny Casaes, Leite Filho, Clodoaldo Milton, Antônio Nonato Marques, Elpídio Bastos e outros que apareciam, esporadicamente, como Dagmar Pinto, Honorato Gomes, etc" (35).

Segundo Elpídio Bastos, a figura mais importante do grupo, depois de Viegas, era o Guarda 85. "Possuidor de um grande espírito de assimilação, a par de uma inteligência fantástica, conservava um cabedal enorme de conhecimentos, que sabia distribuir em ocasiões oportunas, fazendo sobressair a sua cultura, de maneira a surpreender" (36). Era realmente interessante esta figura de guarda civil, falando francês, inglês e espanhol fluentemente, discutindo literatura entre os intelectuais, merecendo inclusive a frase de Viegas: "Foi o único guarda civil que encontrei que não precisa de um código de civilidade".

Os membros do grupo freqüentavam salões onde eram realizados recitais destacando-se entre eles o da Associação Comercial. Entretanto, Viegas jamais tomou parte dos recitais que eram promovidos, habitualmente, pelos companheiros. Mas participava dos jornais e revistas em que o grupo colaborava, "tais como a *Época*, de José Vidal, *O Século*, *O Periquito*, *O Gavião* e tantas outras publicações de caráter efêmero, além de *Samba*, a primeira revista que foi editada na Bahia, de feição modernista (37).

Convém ressaltar que Viegas era aquele que dava pseudônimos a todos os membros do grupo. Dentre estes pseudônimos podem-se citar alguns que nos foram fornecidos por Elpídio Bastos: Viegas (Jorge Belfort, Mário Viegas, M.X. & Cia, Sophos de Arnauld, Juca Moreno e muitos outros), Elpídio Bastos (Fósculo Beltrão), Antônio Donati (Gastão Donati), Bráulio de Abreu (Breno Beltrão).

Este grupo, como todos os outros existentes no Brasil, utilizava a técnica dos elogios mútuos, para conquistar e manter vigência. Dêsse modo, em relação ao grupo da Baixinha, estes elogios apareciam, principalmente, sob a forma de oferta de sonetos, dos quais coletamos os seguintes: Poema *Túmulo*, de Elpídio Bastos, oferecido a Zaluar de Carvalho; Poema *Papai Está Maluco*, de Zaluar de Carvalho, oferecido

a Elpídio Bastos; *Visita Noturna*, de Bráulio Abreu, oferecido a Da Silva Garcia; poema *Esterilidade*, oferecido a Egberto de Campos Ribeiro por Dagmar Pinto, e *Bambual*, de Egberto de Campos Ribeiro oferecido a Elpídio Bastos.

Como era natural, aquêles que mais mereceu elogios e mais recebeu poesias foi o líder Pinheiro Viegas. O que está transcrito abaixo representa uma homenagem de Bráulio de Abreu (Breno Beltrão) a Pinheiro Viegas, que neste soneto procura traçar o perfil de seu líder:

P. V.

De alma verde à expansão de seus sonhos de boêmio
Vive no torvelim da existência que passa
E, tímida, a pensar no sorriso que esvoaça
Nos seus lábios de artista, a mocidade teme-o.

Dizem-no iconoclasta. Ele, entanto, o seu prêmio
De entusiasmo concede que se abraça
Ao grandioso saber. Com hieroglifos traça
Rimas de ouro e de luz, pois é da Arte o irmão gêmeo.

Alma grandiosa, e boa, e soberba, e discreta
Que concebe, afinal idéias dentro da Arte,
E a alma santa e feliz das cousas interpreta

E sendo o apreciador da esplêndida «harmonia»
«Das esferas» prossegue a detestar, destarte,
A forma triangular» com soberba ironia.

Breno Beltrão

Deve-se ressaltar, porém, que Pinheiro Viegas, mesmo sendo o líder, não utilizava o elogio. Poderíamos até afirmar que, em vez de utilizar a frase "Para os amigos tudo, para os inimigos justiça", utilizava a forma "Para os amigos e para os inimigos justiça".

A respeito disso assinala Elpídio Bastos: "Apesar dessa permanente camaradagem, êle, entretanto, era infenso às pilhérias menos respeitadas, quando estas o atingiam. Era uma personagem fria, incapaz de demonstrar um sentimento mais expansivo, tomar uma atitude constrangedora de pesar, ou mesmo de expansiva alegria. Raramente, o vimos rir, levado por qualquer contentamento ou se estarrecer diante de uma surpresa. Não se lhe via através dos óculos um brilho que o traísse. Era dura e impenetrável sua fisionomia. Ninguém jamais tentou atravessar o limiar da sua intimidade. Nunca, ao que sabemos, escreveu um elogio a quem quer que fosse, nem lhe ouvimos palavras de incentivo. Dir-se-ia um homem cruel, por suas atitudes, apesar de fascinante a sua convivência e sóbrio o seu tratamento" (38).

Esta afirmação de Elpídio Bastos vem confirmar o que foi dito anteriormente, em relação a Pinheiro Viegas. Não foram poucos os epigramas que êle endereçou a seus amigos da boêmia literária, criticando ou uma obra publicada ou um acontecimento qualquer da vida de cada um. Assim, vamos encontrar um epigrama a Elpídio Bastos, quando êste publicou *Centelhas*:

Poeta de centelhas.
O preto, à noite, a chuva eram um carvão molhado
Sem telhado.
Lá fora, à noite, a chuva, é um preto sem telhado.

Ainda com Elpídio: "Os pretos estão agora fazendo versos brancos". Com Nonato Marques: "Non Nato, eis o feto literário que não chegou a ver a luz".

Egberto de Campos buliu com uma môça no cinema S. Jerônimo. Como represália levou uma série de ataques de sombrinha. Viegas, ao tomar conhecimento do fato, fêz o seguinte epigrama:

Cinema. Fita completa.
S. Jerônimo. Bolina.
Pernas na Síria
E o poeta
Bateu com o nariz na chama.

Desentendimentos de Viegas com alguns membros do grupo, principalmente Otto Bittencourt, que a partir desta época mereceu inúmeros epigramas, fêz com que a igreja se desfizesse.

A última *coterie* de que fêz parte foi chamada de Academia dos Rebeldes. Nasceu por iniciativa do próprio Viegas que a princípio quis chamá-la de Academia dos Indiferentes. Depois de entendimentos com Alves Ribeiro, que o acompanhou nesta nova agremiação, e levando em conta o pessoal que a constituiria e o objetivo do grupo, ficou acertado que o nome apropriado seria Rebeldes, já que na realidade desejavam mesmo era protestar contra a ordem existente, principalmente a literatura que se fazia na Bahia de então. A respeito disso diz Jorge Amado: "A Academia dos Rebeldes era uma reação contra a Academia Brasileira e tôda a literatura de então, dispostos a arrasar quanto existia, convencidos que a literatura começava com a minha incipiente geração, nada de válido se fizera antes do nosso aparecimento, nenhuma beleza fôra criada, nenhum resultado obtido" (39).

Em relação à entrada de Pinheiro Viegas na Academia dos Rebeldes, não teríamos dúvida em afirmar que esta é a fase mais importante de sua vida, aquela em que mais se realizou. Vejamos, pois, as palavras do próprio Viegas: "Hoje, neste círculo de tipos cosmopolitas, nesta assembléia do veros cidadãos do mundo (o inferno de

pecadores onde não têm ingresso os pobres de espírito, quero dizer, os santos e os cretinos do Paraíso), sinto-me deveras feliz e, por isso, mais moço em meio de tantos moços inteligentes e estudiosos. Ontem, mestre e, hoje, discípulo de orgulho e de rebeldia dos novos, na antiga metrópole intelectual do Brasil. Eu, o escriba iconoclasta, o desabusado boêmio indiferente, o ironista lírico, o cético risonho, brado aos quatro ventos: libertação! sempre libertação! no momento da viagem, *avant l'aube*, dos filhos do século atual, meus amigos e meus irmãos em Arte, para a universalidade, para a inteligência, para a poesia, para o Amanhã!" (40).

Continua Alves Ribeiro, confirmando as palavras de Viegas: "Viegas a todos se impunha; e se impunha, principalmente, porque nunca fêz questão de ser considerado o mestre, mas o companheiro. Juntos, sob a orientação dêsse velho mosqueteiro das letras, alimentamos o sonho de que o dia da inteligência ainda havia de chegar para o Brasil" (41).

Convém ressaltar que ao grupo se opunha outro grupo de muito maior prestígio, liderado por Carlos Chiachio e denominado de "Ala das Letras e das Artes", embora mais conhecido como *Arco e Flecha*, nome da revista que lhe servia de porta-voz.

Embora ambos fôssem grupos surgidos do movimento modernista, tinham objetivos diferentes:

"Opunham-se ao *Arco e Flecha* os jovens da Academia dos Rebeldes, liderados por um velho poeta, jornalista e panfletário — o temível epigramista João Amaro Pinheiro Viegas, que frequentou no Rio de Janeiro, a roda de Lima Barreto e Agrippino Grieco. Os rebeldes, muito embora combatendo o grupo de Chiachio, procuravam no fundo, a mesma coisa que êles: literatura com forma nacional e conteúdo universal. Reagiam contra os postulados da Semana de Arte Moderna, mas aceitavam, dêste movimento, o seu espírito de renovação, sem cortar as raízes populares da literatura: respeito às tradições e ao espírito político do povo baiano. Meridiano foi uma das revistas do grupo dos rebeldes — revista antimodernista, antiverde-amarelista" (42).

Falando acêrca da oposição entre os 2 grupos e do objetivo da Academia dos Rebeldes, diz ainda Jorge Amado: "O modernismo era novidade absoluta na Bahia e um crítico de nome na terra formava o primeiro grupo modernista, grupo complicado porque tradicionalista dinâmico. Um professor gordo e admirável de besteira cortou vários artigos em frases curtas, transformando-o em poemas. Pinheiro Viegas chicoteava tudo com ironia ferina. Pois nesse tempo nós fizemos na Bahia uma revista de caráter universalista, condenando o verde e amarelo e a brasilidade dos mineiros e paulistas" (43).

Além da diferença de objetivos havia também a diferença de classe, entre os dois grupos, uma vez que a Academia dos Rebeldes era formada, principalmente, de estudantes pobres e *Arco e Flexa* absorvia pessoal de maior poder aquisitivo.

De tudo isto se pode chegar à conclusão, embora negada por algumas fontes, de que a influência de Pinheiro Viegas nas idéias do grupo foi marcante, desde quando os ideais de uma literatura de conteúdo universal, o anti-academicismo e mesmo as características anarquistas que identificavam a Academia dos Rebeldes, já faziam parte do pensamento e da vida deste líder desde muito tempo.

Por outro lado, embora testemunhas como Alves Ribeiro e Jorge Amado afirmem que o objetivo primordial do grupo era fazer literatura e não política, o fato de haverem sido influenciados por ideologias consideradas perigosas naquele momento em que o país atravessava uma fase de grandes agitações políticas, levou-os a sofrer algumas perseguições de natureza política. Parece que datam desta época as primeiras perseguições esquerdistas na Bahia, encabeçadas por Benardino Madureira de Pinho, Chefe de Polícia e Segurança nos Governos de Góes Calmon (1924-1928) e Vital Soares (1928-1930).

O grupo era formado por vários jovens, que segundo Jorge Amado, eram estudantes que não estudavam mas faziam literatura e jornalismo. Acêrca disto, diz:

"Formávamos um grupo enorme. Realmente o grupo era pequeno. Mas aparecia muita gente, ansiosa de saber os últimos escândalos literários e de ouvir a conversa sempre pitoresca de Pinheiro Viegas.

"O grupo mesmo era formado de Alves Ribeiro, João Cordeiro, José Severiano da Costa Andrade, que hoje anda pelo Piauí, Sosígenes Costa, Dias da Costa, Edison Carneiro, Clóvis Amorim. Os outros apareciam para a conversa no nosso grupo, mas frequentavam também os outros grupos literários. Os outros tinham jornais, revistas, o diabo. Nós só tínhamos o botequim. Mas éramos temidos e respeitados. Quem tinha coragem de se meter conosco, que éramos uns sujeitos violentos, de sátira e epigrama sempre pronta?" (44).

O botequim de que fala Jorge Amado era o Bar Brunswick, de propriedade de um árabe, onde se reuniam diariamente para "comentar fatos triviais da cidade, os escândalos do bairro literário e discutir os livros aparecidos, as revistas mais novas" (45).

"A primeira reunião da Academia foi realizada numa sala destinada a sessões espíritas. Foram porém expulsos logo na 2.^a reunião, pois segundo o médium, dirigente máximo do Centro, aquela era uma casa habitada só por espíritos purificados, de alta mentalidade e de eminentes virtudes. E, para mostrar a que preço obtivera tanta perfeição espiritual, relatou terem-se imposto, êle e a espôsa, há já três

anos, voto de castidade. E desde que lá haviam feito a 1.ª reunião tinham acontecido imprevistos: nenhum espírito de luz voltara à sala maculada. E em lugar dos habituais espíritos de bondade haviam descido os condenados espíritos das trevas, a ranger dentes, a berrar palavrões, a escandalizar os crentes com seu desatinos" (46).

Passou então a Academia a funcionar no Café Bahia, no Café das Meninas, em lugares suspeitos nas madrugadas boêmias, na Feira de Água de Meninos.

É interessante observar que, embora contra a Academia Brasileira de Letras ou qualquer Academia, não deixaram de colocar o nome do grupo de Academia, embora dos Rebeldes. E a meta a alcançar, com eficiente urgência, era: "liquidar a Academia Brasileira, substituí-la por nossa Academia dos Rebeldes" (47). Isto demonstra que o seu objetivo, na realidade, era terminar não com tôdas as Academias, mas sòmente com a oficial, substituindo-a pela sua, que passaria a ter tanta vigência e prestígio quanto a outra.

Uma vez que a primeira regra mantida pelas *coteries* literárias, na luta pela vigência, era a ajuda mútua, sob as formas de elogios e proteccionismos, também a Academia dos Rebeldes não fugiu a esta generalização.

Assim, vai-se encontrar um elogio em verso, feito por Alves Ribeiro e dedicado a Viegas com o título: *A Viegas*.

Jorge Amado, como que desejando deixar gravado na história o nome de Pinheiro Viegas, colocou-o como um dos personagens mais importantes do seu livro *País do Carnaval*, livro êste em que procura retratar a vida literária da época, fazendo uma verdadeira Sociologia da Vida Intelectual.

Viegas, conforme já foi dito anteriormente, nunca elogiou ninguém do grupo. Os únicos elogios que êle endereçou foram: um a Rui Barbosa: "Quando Rui Barbosa, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, pronunciou a sua histórica Conferência de Buenos Aires, mereceu de volta ao Brasil, um poema ditirâmico de P. Viegas, *Saudação a Rui Barbosa*" (48).

E outro ao Marechal Deodoro, que, depois de proclamada a República, recebeu de Viegas um artigo intitulado: *Carta ao Marechal Deodoro*.

Convém ressaltar que o não elogiar ninguém fazia parte do estilo de Viegas, sempre pronto a atacar, com seus epigramas, a tudo e a todos. Não era do seu feitio cantar loas a ninguém, mesmo que fôsse seu amigo, coisa a que já nos referimos anteriormente.

Por outro lado, também não recebia muitos elogios. Fora os membros do grupo, sòmente um outro intelectual o elogiou, Agrippino Grieco, e assim mesmo alguém que era seu amigo e que havia per-tencido anteriormente ao seu grupo, no Rio de Janeiro: "Delicioso o

nosso Viegas! . . . Inteligência em eterna combustão, fabricava dezenas de epitáfios, dêses que não admitem possibilidades de ressurreição para um sujeito a quem se ornamente assim a lápide funerária" (49).

Quanto a ataques, segundo Alves Ribeiro pouca gente escapou à sátira de Pinheiro Viegas. Ele era chamado o nôvo Gregório de Matos, devido não só ao mesmo estilo utilizado por êste para criticar, como pela fúria com que atacava. Segundo Grieco, êle "era feroz com os medalhões. . . crivava de farpas e sarcasmo os figurões da vida pública e das letras baianas" (50).

De seus epigramas, podem-se citar ainda os seguintes:

A C. Chiachio

Macarrão e azeite de dendê
Oculós, bigodes, panças, eis o dr. C. C.
Ironia!
Com todos êsses ces —
O crítico melhor
é o peor
poetaço da Bahia.

Ainda contra Chiachio, autor de um artigo que saía às têrças-feiras, no jornal *A Tarde* sob o título de: *Homens e Obras*.

Terço às têrças. Lusco fusco
Muitos homens, poucas obras
Roda mão. Caso patusco
C. C. Maçacos etc. Cobras.

Viegas fêz um epigrama para Augusto Silva Filho, estudante de Direito, porque êste fêz um poema onde insinuava ser Viegas um homossexual. Mostrou-o a Viegas, que lhe respondeu: "Em geral as premissas literárias se oferece aos pais", respondendo com o seguinte epigrama:

Para escritor não tem jeito
Filho José Silva Augusto
estudante de direlto
por empenho e muito custo.

Contra Moniz Sodré, quando êste veio dirigir o *Diário da Bahia*, antes de 1930.

Do Rio à Bahia veio
Velho escritor furibundo
Dois quilômetros e meio
Em cada artigo de fundo.

Na Bahia da época havia vários jornalecos e revistas de cavação, coincidentemente algumas delas de propriedade de farmacêuticos. Viegas criticou-os com a seguinte quadrinha:

Boticas em velhos prédios
As bôcas cheias de rôlhas
Das fôlhas fazem remédios
Fazem remédios das fôlhas.

Criticando o Rio de Janeiro do início do século, fêz o seguinte trocadilho:

As mulheres dos franceses servem de caixeiro
O caixeiro dos portugueses servem de mulher.

Contra Florêncio Santos (Flosan) fêz vários epigramas:

Florêncio Santos não pode
De um bode tirar a vida.
Mulato que matou um bode
Com certeza é parrecida.

De chifres tantos do pai faz pentes
O tiradentes Florêncio Santos.

Quando Florêncio publicou *Imagens que Dançam*, Viegas disse:

«Imagens que dançam», duas,
O samba carnavalesco
Vejo em croniquetas suas
Assinadas F. o fresco.

Ainda contra Florêncio Santos:

— Mamãe, me diga de tantos,
Homens seus, quem foi papai?
— Florêncio, qualquer dos Santos
De Belmonte foi teu pai.

Ainda sôbre Flosan:

Nesta cidade malsã
O clima é senegalesco
Mas, agora entrou um fresco
Chegou, há pouco, o FLOSAN.

Contra Henrique Cânciao:

É Maria Lúcia às vezes
Na Bahia ou em Bizânciao
Barriga de nove meses
Henrique sendo êle é câncio

Contra Vital Soares, Governador da Bahia, a respeito de *Discursos e Conferências*:

Leiam V. Exas, mais um livro original
Discursos e Conferências. Autor: fulano de tal.

A Notícia era um jornal que tinha como diretores Emanuel Santana e Caio Rodrigues Filho (1929) e como financiadores Bráulio Xaxier e Frederico Costa. Este jornal fazia a defesa de Vital Soares, sendo, portanto, contra a Aliança Liberal, de que Viegas era partidário. Tendo em vista este fato, mereceu o seguinte epigrama:

Ponham já ácido fênico
Nesta fôlha vitalícia
— Vendem papel higiênico?
— Não, doutor. Compre *A Notícia*.

O Xavier disse ao Costa
— Neste caso, é melhor mandá-los à polícia
A Notícia: Rodrigues e Santana
encobriram a bosta

Ao Átilo Milano, poeta pré-modernista, Viegas disse: "Você não passa de um mau pizzicato de violino de seu pai".

De Otávio Mangabeira:

«Político; escritor, diplomata, engenheiro.
Na Bahia era astrônomo
Mas, em todo o Brasil o Otávio era o primeiro gastrônomo.

Ministro dos estrangeiros, palácio Itamarati
a língua dos brasileiros é língua bunda ou tupi!»

De Hermano Santana:

O grande chapéu gri, talento nunca visto,
É o grave diretor do jornal «A banana»
A banana.
Mas, enfim, por ser mano de Santana,
Lúcio de Montalvão é tio avô de Cristo.

De Epaminondas Pinto

O general tebano nem brincando mentia
O prof. baiano nem brincando fala a verdade.

D'Almeida Vitor, conhecido como Tibias Flôres, fez uma conferência com o título *Hermes Fontes, o Divino Desgraçado*. Viegas fez então o epigrama:

D'Almeida Vitor, menino,
Tíbias Flôres reputado
Hermes Fontes foi divino
Tu que és burro, és desgraçado.

Ainda com D'Almeida Vitor:

D'Almeida Vitor vitrolas
Vitrolas Vitor D'Almeida
Foi a Sergipe, ora bolas!
e fez lá a sergipeida

Também não escapou à sua tese satírica o tribuno João Mangabeira:

Que fúnebre orador é o J. Mangabeira
É capaz de falar dez horas de relógio
É sempre a mesma coisa, é sempre o necrológio
Do sogro bonachão, de Batista Pereira.

Nem o professor Edgar Sanches:

Sanches ou Sancho. De acôrdo
Pança ou pancismo. Percebo
Tenho sebo de homem gordo
Sebo. Sebo. Sebo. Sebo.

Além desses epigramas existem outros que não puderam ser coletados. São suas vítimas: Teodoro Sampaio, Otto Bittencourt Sobrinho: "O Almofadinha". Benedito Cardoso, Homero Pires, Juraci Magalhães, Facó e Correia de Menezes, Medeiros Neto, Germano de Oliveira, a respeito do livro *Princesa das Serras*, Arnaldo Silveira, conhecido como o "Pirulito", Jerônimo Sodré Viana (Jesovi), Luiz Carlos a respeito de *Astros e Abismos*.

Merecem destaque ainda estes versos escritos por Viegas contra D'Almeida Vitor, publicado com o pseudônimo M.V. & Cia., na secção "Jardim Suspenso" d'O Jornal de 20.4.930.

Edgar victorando

Para o Tibias Flôres

Lá na Escola de Sargentos
Vai passar vários tormentos...
Ó vida cachorra e porca!
Mas no quartel não se enforca!
Todo de kaki e mau cheiro,
Breve ao Rio de Janeiro,
Vai passear no Rocío,
Fresco refresco, já frio...
O português pôs na preta
Chopin, de chopp e chupetas
Um comundongo mulato,
Rato, rato, rato, rato...
Dizem que sabe alemão
Por detrás e contra-mão
Felizes os que não ouvem
O que êle diz de Beethoven!
Bode, bodum, Baudellaire,
«Tibias Flôres» nem sequer

Pode ler «Les Fleurs du Mal»
Em francês, no original!
Magro, «moreno» e rosado,
Correndo como um veado,
Em prosa e em verso, é o pachola
Edgar Victor vitrola...

Embora não seja o seu gênero principal, Pinheiro Viegas foi considerado também como “o polemista”.

Há referência a duas polêmicas suas. Uma em versos, com João de Barros, e outra com Ferreira Gomes. Quando Otávio Mangabeira publicou o artigo de jornal com o título *Christus Imperat*, Viegas criticou-o através do panfleto *Vogais e Consoantes* editado pela Academia dos Rebeldes. Ferreira Gomes saiu em defesa de Otávio Mangabeira e a polêmica teve lugar nos jornais *O Imparcial* (Viegas) e no *Diário da Bahia* (Ferreira Gomes).

A polêmica se iniciou com uma resposta de Viegas a Ferreira Gomes, intitulada — *O Dr. I. Diota*:

“Quem é o J.C. Ferreira Gomes?

Eu não o conheço absolutamente. Ninguém o conhece literariamente na Bahia e em todo o Brasil.

“Êle (?) o anônimo literatelho obscuríssimo, teve o enorme labor inglório de escrever e publicar no *Diário da Bahia*, de 5 do corrente, um enfadonho artigo prolixo (para o lixo), em defesa do escrito sacro — *Christus Imperat* — do Sr. Otávio Mangabeira divulgado em nossa imprensa indígena...”

O artigo continua, pezado de desaforos e irreverências, em que êle considera a crítica de Ferreira Gomes uma “pilhéria dos tipos de rua”, “chalaça dos borrachos de taverna”, “dichotes dos malandros de tavalagem”, anedotas hilariantes de bordel ou de casa e *rendez-vous*, para concluir dizendo — “Eu estou aqui a rir das miseráveis alegrias efêmeras de todos os alegres bobos felizes. Rio sempre, porque a minha dor é a dor universal. Entretanto, não quero perder mais o meu tempo e gastar a minha paciência com êstes fantoches, com êstes bonecos de mola do atual *Mangabeirismo anti-cristão*”.

Sobre um aspecto constante do mutualismo das igrejinhas, devemos observar que o autor não foi beneficiário de nenhum protecionismo. No entanto, dispensou proteção a dois membros do grupo: Jorge Amado e Alves Ribeiro.

Para Jorge Amado, êle escreveu uma carta de apresentação a Agrippino Grieco.

A Alves Ribeiro, chamou-o para escrever um soneto, que foi publicado numa revista da época.

7.0 — VIGÊNCIAS: MITOS E PRESTÍGIOS DA VIDA INTELECTUAL

Não foi possível conseguir muitas provas que denotassem o prestígio de Viegas nos meios intelectuais da época. O número de biógrafos que a êle se referiram foi muito pequeno e o viram quase que somente sob o ângulo do epigramista. Êle foi, pode-se dizer, a vigência ao contrário, já que utilizava uma técnica muito *sui-generis* para ser conhecido.

Entretanto, esta frase de Jorge Amado parece que satisfaz, como prova do prestígio de Viegas e da Academia dos Rebeldes: "Formávamos um grupo enorme. Realmente o grupo era pequeno. Mas aparecia muita gente, ansiosa de saber os últimos escândalos literários e de ouvir a conversa sempre pitoresca de Pinheiro Viegas" (51).

Quanto ao prestígio dos demais autores contemporâneos, é bastante que se leiam os epigramas de Pinheiro Viegas para conhecê-los todos. Isto porque seus ataques e sátiras referiam-se, principalmente, às pessoas de prestígio na época.

Não sei se a citação abaixo valeria como exemplo de falso prestígio, em relação aos intelectuais da época. Em todo caso, valerá como um ataque endereçado por Viegas aos homens de letras da Bahia.

"Os poetas e prosistas patrícios (máxime os nomes e figuras de sempre dos jornais e das revistas cá da terra) ainda não se libertaram do mestre-escola ou do mestre das escolas das invejáveis e preciosas letras exóticas.

"Realmente, nós conhecemos de sobra os tais medalhões de argila perecível da não-literatura indígena: são êles, fora os numerosos candidatos à "imortalidade", os 40 do Trianon.

"Não vale a pena lê-los. Eu não os leio agora mais. É preferível ter, no original, os gênios e os talentos de que êles são os perpétuos plagiários e imitadores. E a arte acaba onde começa a imitação" (52).

E continua Viegas, oferecendo aos intelectuais do período uma autêntica receita de vigência:

"Quem, porventura, quiser viver tranqüilamente hoje na terra natal de Castro Alves e Rui Barbosa (foram êles ao certo os açambarcadores do talento baiano?) tem de esquecer para todo o sempre essa velha hipótese de literatura brasileira de que todos falam e ninguém teve ainda o gênio e a fôrça de criá-la e de entendê-la, fora da imitação e do plágio" (53).

Ao iniciar sua vida literária, Pinheiro Viegas sofreu, sobretudo, a influência do simbolismo. Dêsse modo, como poeta, êle foi um simbolista.

Em relação à prosa e nas atividades da vida, foi considerado um anarquista. Quanto ao surgimento do anarquismo no Brasil, diz Brito Broca:

"A voga de Tolstói no Brasil conjugou-se com as atividades anarquistas e socialistas aqui verificadas nas duas primeiras décadas do século, mas da mesma forma que entre 1930 e 1940 proliferaram entre nós os marxistas puramente "literários", também no 1900 o anarquismo foi para muita gente apenas "literatura". E era Tolstói o paradigma desses reformadores utópicos. O termo moda no caso não será exagerado, pois havia um cunho *exquis* de atualidade e de modernismo, em sonhar com um mundo melhor "sob a bênção universal da anarquia" (54.)

As idéias de Viegas, segundo Alves Ribeiro, também tinham muito de Oscar Wilde, sendo marcante a influência deste em muitas das suas produções literárias, principalmente, nos *Poemas de Carne*. Acêrca dessa voga de Oscar Wilde no Brasil, também é Brito Broca que nos fala, quando diz:

"Um dos primeiros artigos publicados sobre Wilde no Brasil, e talvez mesmo o primeiro, teria sido o de João do Rio, no número de abril de 1905, na revista *Renascença*, sob o título "Breviário do Artificialismo".

"Temos a impressão de que partiu daí a voga do Wildianismo entre nós, sobretudo porque, logo em seguida, os livros do poeta passaram a ser vertidos para o francês, vulgarizando-se rapidamente no Brasil" (55).

Estas idéias o acompanharam durante toda a vida, haja visto que vieram influenciar já durante o predomínio do modernismo no Brasil, os jovens da Academia dos Rebeldes. O anti-academicismo, o anti-verdeamarelismo e a busca de uma literatura de conteúdo universal é bem uma prova disto.

Foi esta, portanto, a atuação e, conseqüentemente, as idéias do intelectual Pinheiro Viegas, líder velho de uma geração nova, não só em idade, como em pensamento. Por mais que se escreva sobre êle sempre haverão de surgir coisas novas, uma vez que a sua personalidade, controvertida às vêzes, marcou época, principalmente, por referir-se a uma nova etapa nas letras brasileiras, o movimento modernista.

Para finalizar, nada melhor do que as palavras de Nelson Werneck Sodré, que no seu livro *Orientação do Pensamento Brasileiro* assim se refere a Viegas:

"Pinheiro Viegas foi uma das figuras mais características e mais expressivas dos meios intelectuais baianos. Representou um papel que poucos representaram, em nosso País. O de, num meio de pequeno círculo intelectual, ser o centro de uma obra de áspera resistência e

combate, virulenta algumas vèzes, destruidora sempre, mas destinada a calar fundo na mentalidade dos jovens e com o condão de atrair aquêles que se iniciavam. Poucos tiveram, como Viegas, o singular poder de dominar e arregimentar esforços no sentido do ímpeto destruidor, do arremêso contra a verdade estabelecida, contra os padrões dominantes. Viegas não era moço. Possuía, entretanto, uma alma jovem, com todos os ímpetos daquelas que tomam contacto com a vida, e que se atiram, desde logo, ao extremo das barricadas contra a ordem dominante, no terreno literário" (56).

CRISTINA MARIA TEIXEIRA CAMPELLO

- 1 Grieco, p. 171.
- 2 Coutinho, p. 270.
- 3 Ibid., p. 269.
- 4 Cándido, p. 145.
- 5 Coutinho, p. 277-8.
- 6 Amado & Magalhães Jr., p. 34-5.
- 7 *Jornal KKKK*, Salvador, (1), 1929.
- 8 Chiachio, 1935.
- 9 Viegas, *Brasil: prosa e verso*, p. 13.
- 10 Lima, p. 39.
- 11 Ibid., p. 40.
- 12 Amado & Magalhães Jr., p. 63.
- 13 Passos, p. 23-4.
- 14 Amado & Magalhães Jr., p. 159.
- 15 Machado Neto, p. 33.
- 16 Ibid.
- 17 Lafaete Spínola, entrevista em 15.4.1971.
- 18 Grieco, p. 176.
- 19 Bastos, "Reminiscência..."
- 20 Malta, p. 76-7.
- 21 Ribeiro, p. 28
- 22 Bastos, "Reminiscência..."
- 23 "Um epigramista...", p. 21.
- 24 José Alves Ribeiro, entrevista em 23.6.1971.
- 25 Grieco, p. 172.
- 26 Machado Neto, p. 58.
- 27 Bastos, "Reminiscência..."
- 28 Grieco, Agripino, *Gente do norte*, (Recorte de jornal não identificado da coleção Elpidio Bastos.)
- 29 Ibid.
- 30 Amado & Magalhães Jr., p. 63.
- 31 Ribeiro, p. 28.
- 32 Broca, p. 48.

- 33 Bandeira.
 34 Bastos, Meu amigo...
 35 Ibid.
 36 Id. O guarda...
 37 Id. "Reminiscência..."
 38 Ibid.
 39 Amado & Magalhães Jr., p. 30.
 40 Viegas, Brasil de hoje.
 41 Ribeiro, p. 30.
 42 Amado & Magalhães Jr., p. 64.
 43 Ibid., p. 31.
 44 Ibid., p. 30.
 45 Ibid.
 46 Ibid., p. 32-3.
 47 Ibid., p. 30.
 48 "Um epigramista...", p. 21.
 49 Grieco, p. 175.
 50 Ibid.
 51 Amado & Magalhães Jr., p. 30.
 52 Viegas, Carta aberta.
 53 Ibid.
 54 Broca, p. 119
 55 Ibid., p. 109, III.
 56 Sodré, p. 158.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Jorge & MAGALHÃES Jr., Raymundo. *Jorge Amado; documentos*. Rio de Janeiro, Pub. Europa-América, 1970.
 BANDEIRA, Moniz. *Café pequeno. A tarde*. Salvador, (Recorte sem data, da coleção Elpidio Bastos).
 BASTOS, Elpidio. *O guarda 85. A tarde*. Salvador. (Recorte sem data, da coleção do autor.)
 ———. *Meu amigo O. B. S. A tarde*. Salvador, 12 out. 1945.
 ———. «Reminiscência em torno de Pinheiro Viegas». (Depoimento escrito para a autora deste trabalho, em 1971.)
 BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil, 1900*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960.
 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro, Cia. Ed. Nacional, 1967.
 CHIACHIO, Carlos. *Homens e obras. A tarde*. Salvador, 11 dez. 1935.
 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1963.
 GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro, Liv. H. Antunes, 1944.
 LIMA, Herman. *Roteiro da Bahia*. Salvador, Liv. I.O.B., 1970.
 MACHADO, Neto A.L. «Estrutura social da república das letras». Salvador, 1970. mimeo.

- MALTA, Octávio. «Mestre Ernesto Simões Filho». In: *Simões Filho, in memoriam*. Rio de Janeiro, 1958.
- OLIVEIRA, Valdemar. *Mundo submerso*. Recife, Imp. Oficial, 1966.
- PASSOS, Alexandre. *Letras baianas*. Rio de Janeiro, 1941.
- RIBEIRO, José Alves. Pinheiro Viegas. *Seiva*, Salvador (1). dez. 1938.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Vecchi, s.d.
- «Um epigramista baiano». In: *Almanaque leão do norte*. Salvador, 1950.
- VIEGAS, João Amaro Pinheiro. *Brasil de hoje*. Salvador, ag. 1929.
- . *Brasil: prosa e verso*. Salvador, Acad. dos Rebeldes, 1931.
- . Carta aberta. (Publicado em jornal da época, não identificado, coleção Elpídio Bastos.)
- . O Dr. I Diota. *O imparcial*. Salvador. (Recorte sem data, da coleção Elpídio Bastos.)
- . Edgarvictorando. *O jornal*. Salvador, 20 abr. 1930 (Secção Jardim Suspenso.)

ENTREVISTAS

- Elpídio Bastos, em 23 de julho de 1971.
- Jorge Amado, em 28 de abril de 1971.
- José Alves Ribeiro, em 23 de junho de 1971.
- Lafaiete Spínola, em 15 de abril de 1971.